

## A POESIA COMO FORMA DE CONHECIMENTO E AÇÃO NO MUNDO: ENTREVISTA COM PÁDUA FERNANDES<sup>1</sup>

Vitor Cei

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: vitorcei@gmail.com

### Resumo

Antonio de Pádua Fernandes Bueno nasceu no Rio de Janeiro, em 1971. Possui graduação em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1992), mestrado em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996) e doutorado em Direito pela Universidade de São Paulo (2005). Atualmente é assessor da Comissão da Memória e Verdade, da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da Prefeitura Municipal de São Paulo. Poeta, ensaísta e escritor premiado, Pádua Fernandes ganhou o Prêmio Guavira de Literatura de Mato Grosso do Sul 2016, na categoria Conto, com o livro *Cidadania da Bomba*. Também recebeu, entre outros, o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2012, na categoria poesia, com o livro *Cálcio*. Em entrevista exclusiva concedida no primeiro semestre de 2016, ele observa certa efervescência na literatura brasileira contemporânea, avalia que o maior desafio do autor brasileiro não é, realmente, publicar, e sim ser lido depois, e revela ter visto na poesia uma forma de conhecimento e de ação no mundo.

**Palavras-chave:** Poesia. Crítica. Pádua Fernandes.

### Abstract:

Antonio de Pádua Fernandes Bueno was born in Rio de Janeiro in 1971. He holds a law degree from Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1992), a master degree in Law from Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996) and received his Ph.D. in Law from Universidade de São Paulo (2005). He is currently an advisor to the Memory and Truth Commission of the Municipal Department of Human Rights and Citizenship of the São Paulo City Hall. Poet, essayist and award-winning writer, Pádua Fernandes won the Guavira Prize for Literature in Mato Grosso do Sul 2006, category short-story, with the book *Cidadania da Bomba*. Also received, among others, the Government of Minas Gerais Literature Award 2012, category poetry, with the book *Calcio*. In an exclusive interview granted in the first half of 2016, he observes a certain effervescence in contemporary Brazilian literature, evaluates that the greatest challenge of the Brazilian author is not really to publish, but to be read later, and

---

<sup>1</sup> Entrevista feita com a colaboração das discentes Aline da Silva Aguiar, Carolina Lobo Aguiar e Pâmela Melo de Souza, do curso de Letras-Português da UNIR, como atividade da disciplina Literatura em devir.

reveals that he has seen in poetry a form of knowledge and a field of action in the world.

Keywords: Poetry. Critics. Pádua Fernandes.

**P: Cada escritor possui um *modus operandi*, por assim dizer... Fale um pouco sobre o seu processo criativo. Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? Em que momento da vida você se percebeu um escritor de verdade?**

E: Em princípio, não acredito na categoria de “escritor de verdade”. Quem seria um escritor de mentira? E a literatura não poderia fazer uma opção pela mentira, torná-la sua verdade? Ou a literatura nos convida a ultrapassar essas categorias? Ademais, como o *modus operandi* é, em geral, empregado no léxico criminal para os autores de ações penalmente tipificadas, creio que sua pergunta, no fundo, associa o crime à verdade e reflete aquelas ideias de considerar o artista um companheiro do criminoso, como em *Tonio Kröger*, ou até mesmo o criminoso ele mesmo – Genet, por exemplo. Isso faz sentido? Depende do contexto. Em razão de a própria noção de crime ser muito variável no seu conteúdo (abarcando desde crimes políticos a crimes contra a honra, contra a vida etc.) e em termos geográficos e históricos, não sei se é tão adequada assim: é vaga demais. Imagino, por isso, que só posso entender sua pergunta como se referindo à figura do escritor como alguém deslocado em sua sociedade, o que não é verdade em vários povos (como os tradicionais, para que a poesia oral é parte importante de sua identidade) e culturas – veja o papel importante da poesia no Estado Islâmico, que tem uma poeta oficial. No Brasil, porém, creio que a poesia “de livro” tem esse deslocamento mesmo, assim como a maior parte da literatura. Fui senti-lo mais agudamente na graduação (cursei direito), uma época em que frequentei especialmente as bibliotecas de letras, filosofia e ciências sociais. Já escrevia e, especialmente, lia e, mais importante ainda, engajava-me em determinadas questões da vida em comum. Dominar a escrita é, comumente, um processo muito gradual, e creio que fiz muito bem em estreitar em livro somente neste século, depois dos 30 anos. Ruim ou não, o primeiro livro já é minha cara literária. Ao contrário de alguns que publicam jovens demais, não terei que procurá-lo em sebos para



destruí-lo, tirá-lo de circulação... Algo feito mesmo por nomes consagrados – Cecília Meireles, por exemplo.

**P: Você está escrevendo algum livro no momento?**

E: No momento, três livros. Mas nunca falo do que escrevo antes de publicar ou de estar prestes a fazê-lo, porque sempre sinto que posso mudar tudo.

**P: O que você acha dos escritores brasileiros contemporâneos? Ou, afastando a pergunta de nomes específicos, para pensar a poesia brasileira atual como um todo: O que você vê?**

E: O que penso pode ser visto nos vários textos que já escrevi. Eles não compartilham da visão escatológica de certos críticos, em geral mais velhos. Não escrevi sobre todos os poetas que acompanho, pois para alguns ou faltou oportunidade ou faltou clareza para que eu tentasse elaborar algo. A pergunta pede uma sucinta visão geral, que não posso dar, e sim apenas minha visão, certamente limitadíssima: observo uma certa efervescência (há muito ocorrendo, especialmente oficinas; conheci há poucos meses a Oficina Experimental no Rio de Janeiro), decerto com problemas (um deles, o crônico de haver mais autores de poesia do que leitores), e notam-se alguns nomes interessantes, seja entre os que continuam crescendo ou os novos, que despontam. Para mencionar dois sobre que nunca escrevi, lembro de Ricardo Aleixo, entre os que vem produzindo sempre consistentemente, e de Chantal Castelli, que lançou há pouco um segundo livro impactante, depois de 16 anos da estreia. No caso de Aleixo, temos o *performer* que busca os meios de comunicação (no momento, ele tem um programa de rádio) e diferentes tipos de público, não se contentando com uma audiência convencional. Ele já se apresentou para presidiários, por exemplo. Nem todo poeta terá os talentos ou a vocação para isso, claro – eu não tenho. Por isso, devo elogiar quem possui a possibilidade de fazê-lo. Castelli, uma poeta de livro, alia catástrofes íntimas ao mundo numa ótica claramente feminina (em especial, tratando da experiência da maternidade), sem pedir licença ao mundo patriarcal para fazê-lo. Nesse último aspecto, de fato, os tempos foram alterados, (mas precisam mudar mais; conheço, por sinal, alguns poetas contemporâneos bem



machistas) graças ao trabalho de autoras que lutaram contra a história patriarcal da poesia brasileira.

**P: Quais os principais desafios para a edição de novos escritores no Brasil de hoje?**

E: Não sei bem. Os novos escritores devem saber melhor. Vê-se que é mais fácil publicar hoje do que no passado por causa das tecnologias de impressão, que permitem que pequenas tiragens sejam econômicas (não à toa as pequenas editoras trabalham dessa maneira), e por causa da internet. Um problema é que as edições raramente apresentam boa qualidade, e os erros de (falta de) revisão muitas vezes são clamorosos. O maior desafio não é, realmente, publicar, e sim ser lido depois. Decerto as pequenas editoras não servem, em geral, para resolver esse problema, pois não distribuem os livros e, às vezes, mal tem a estrutura para vendê-los. Já comprei livro (até publiquei nele) em pré-venda em maio, ele foi publicado no mês seguinte, porém só o recebi em outubro. O estreitamento progressivo do espaço para a literatura nos meios de comunicação no país dificulta esse quadro: menos oportunidade para resenhas, mais chance de o livro ser ignorado. E o desafio de ser lido está ligado, evidentemente, à questão agudíssima do letramento no Brasil, cuja situação não melhora. Como professor universitário, tive alguns alunos que só conseguiam escrever palavras-chave.

**P: O que mudou na (e para a) literatura depois da internet?**

E: Poderia ter mudado em novas linguagens poéticas e em novas possibilidades de publicação. Creio que a segunda opção mostra-se mais forte no momento, apesar do desastre, em termos de mercado, que tem sido o livro digital. O fato é que os poetas podem testar, na internet, até mesmo em redes sociais, os poemas antes da publicação impressa.

**P: Como você vê a recepção de sua obra?**

E: Não sei, não penso nisso. Tampouco penso no que eu mesmo escrevi antes, na chamada “obra”. Estou sempre ocupado com o que estou a escrever no momento. Se pudesse esquecer o que já fiz seria melhor ainda, se isso não

pudesse propiciar a repetição involuntária... De qualquer forma, quando publicamos, pode acontecer de tudo: o livro passar em branco, receber leituras estranhas, tornar-se objeto de indignação etc. Está no mundo, e sujeito a intempéries. Deve-se aceitar esse fato, até porque supostos erros dos críticos podem ser inspiradores. O que não se deve fazer, creio, é tentar controlar a recepção: além de ser uma atitude autoritária, que pode levar a atitudes de camarilha (trocas de favores, boicotes, abaixo-assinados para “responder” a críticas etc.), essa preocupação desvia energia da criação. Creio, por exemplo, que foi muito inteligente a atitude de Machado de Assis em não entrar em polêmica com Sílvio Romero. A reputação dos críticos depende dos autores, mais do que os autores dependem dos críticos (não esquecendo, claro, as formas híbridas, em que a literatura adota formas do ensaio, por exemplo). Dito isso, só pude ficar surpreso e grato com os críticos (poucos, mas excelentes) que já escreveram sobre o que fiz.

**P: Como você define a sua obra?**

E: De forma alguma. Apenas escrevo. Definir é problema para o leitor ou para o crítico, se houver.

**P: Como você vive o ato de recitar?**

E: Praticamente nunca, mas gosto muito. Teria que inventar mais oportunidades. Não faço poesia visual, tudo o que escrevo é para recitar mesmo.

**P: No Brasil, a poesia tem um alcance bastante limitado em termos de público. Como você vê essa questão?**

E: Desconfio da verdade disso. Acho que muitos dos netos e bisnetos de Gil Scott Heron e sua “*small talk*”, por exemplo, têm um público fiel. Em relação à poesia de livro, percebo que ela pode vender quando há algum empenho editorial, como foi o caso recente das edições póstumas de Ana Cristina Cesar (note-se que *A teus pés* teve uma segunda edição antes de ela morrer) e de Paulo Leminski, mas também de poetas vivos: Matilde Campilho foi a autora mais vendida da última Flip, com *Jóquei*, mesmo sendo estreante. Arnaldo



Antunes e Karina Buhr vieram em seguida, também com livros de poesia. O alcance não será suficiente, decerto, para comprar castelos na Europa. Mas, se é essa a meta do poeta, creio que a poesia já morreu para ele.

**P: Quando e por que a poesia começou em sua vida?**

E: Entrou aos 9 anos, com *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles, que ganhei de presente em razão do “bom desempenho na escola”. Gostei muito. Na adolescência, fui ler o restante da obra poética dela e a de Augusto dos Anjos; depois, vieram Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, Yeats, Rimbaud, Dante etc. Por quê? Por gosto. Por ter visto na poesia uma forma de conhecimento e de ação no mundo.

**P: Você ainda continua a escrever com frequência? Publicará algum artigo ou livro esse ano?**

E: Mas já publiquei este ano. E outros artigos, aprovados, aparecerão. Poemas também, na revista “Telhados de vidro”. Em relação a livro, não tenho nada previsto. Tenho escrito muito agora, mas não em meu nome, e sim no da Comissão da Memória e da Verdade da Prefeitura de São Paulo. Aliás, provavelmente já escrevi mais em nome dos órgãos públicos em que trabalhei ou das campanhas de que participei do que com minha assinatura. Embora, nesses casos, não se tratasse de literatura, sempre tentei agregá-la a esses outros textos.

**P: Como você vê a literatura hoje?**

E: Vejo por meio de livros impressos, revistas (algumas *on line*; das revistas impressas em português de poesia, destaco a “Telhados de vidro”, que é difícil de encontrar no Brasil) e alguns sítios de escritores na internet. Creio que esses sítios, como Sérgio Alcides já alertara, não estão ainda a configurar uma esfera pública. Um sinal disso é o comportamento de certos escritores jovens, ou não tanto, que somente falam sobre a própria obra, em permanente *outdoor* de si mesmos, chegando a ponto de fotografar seus livros em livrarias, criticar *best-sellers* e se rejubilar com a eventual presença de seus títulos em listas de mais vendidos, prometer explodir a academia (porque ela não estuda sua obra)

e, ao mesmo tempo, tentar ingressar em programas de pós-graduação em literatura etc. Trata-se de contradições que podem ser verificadas em certos autores de hoje, e provavelmente revelam antes as inconsistências do *marketing* do que a consistência literária. Dos blogues em português de poesia, prefiro o Escamandro.

**P: Quem foi sua maior influência para que você virasse um escritor?**

E: Em termos formais, foi Mahler, sem dúvida. A ideia de não escrever poemas isolados (ou de que os poemas só ganham realmente sentido no conjunto), e sim livros, creio que a percebi ao conhecer a obra dele, que me chamou a atenção, além disso, para a questão da heterogeneidade das vozes e dos materiais: um desafio grande para a composição e uma possibilidade de sugerir a variedade do mundo. Já falei disso em um vídeo d'A voz do autor, na USP, a que fui convidado com Eduardo Sterzi.

**P: Você gostaria de mandar uma mensagem para a nossa turma?**

E: Gostaria muito, mas não a conheço.... Terei que enviar uma mensagem genérica, que sempre serve: aproveitem para ler! Depois da graduação, o tempo fica bem mais curto... Especialmente a literatura mais contemporânea de todas, que são os clássicos: “Nunca te apresentou natura e arte/ prazer, qual belo corpo em mim se viu/ guardar-me, e ora em terra se reparte”.

Referências

CASTELLI, Chantal. **Os cães de que desistimos**. São Paulo: Hedra, 2016.

CESAR, Ana Cristina. **A teus pés**.

FERNANDES, Pádua. **Cidadania da bomba**. São Paulo: Patuá, 2015.

\_\_\_\_\_. **Cálcio**. São Paulo: Hedra, 2015.

\_\_\_\_\_. **Cálcio**. Lisboa: Averno, 2012.

MANN, Thomas. **A morte em Veneza & Tonio Kröger**. Trad. Herbert Caro Mario e Luiz Frungillo. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. São Paulo: Global Editora, 2012.

## Anexo

### Auto de resistência

I

o sangue ensina:  
os professores  
sob cassetete;

o sangue esquece:  
nos professores  
quem já se infiltra

é a polícia  
e os corredores  
trocam de pele

como quem veste  
todas as cores  
carnificinas;

o sangue ensina  
aos professores  
que não se aprende

senão na pele;  
“já não são dores,  
mas honrarias

isto que ensina  
aos professores  
o cassetete:

os corpos febres  
transformadores  
do que extermina

na própria vida”  
e os corredores  
caem inertes

sobre os pedestres,  
nos vestem hoje  
do ontem em dia.

II.1

– Abedeéfe  
jotaxiséle  
emeteú  
zedabliú.  
– Tá tudo em ordem!  
Só falta o nome  
do seu trabalho.  
– Este mestrado  
deu muita fome.  
As letras somem  
do norte ao sul,  
do cê ao u  
quase me perdem.  
– Você é mestre  
e já consegue  
ler o cardápio.  
Não encha o saco.

III

*Por lecionar,  
aprendo a fome.*

*A fome ensina,  
isso aprendemos.*

– É professor,  
pesquisador,  
parecerista.  
– Porém trabalha?

*Nada a aprender  
senão a fome.*

*Assim o mundo  
nos alimenta.*

– Para viver,  
virou palhaço  
profissional.  
– E já não era?

*Chamar o mundo  
de nossa fome;*

*eis o alimento  
que cultivamos.*

IV



– Primeiro a bomba,  
depois o tiro.  
– Primeiro o tiro,  
depois a honra.  
– Jamais a honra  
sem o inimigo.

– Iremos todos  
já recebê-lo.  
– Sim, recebê-lo  
com todo o fogo.  
– Tomar-lhe o fogo,  
nosso desejo.

– Não basta a bomba,  
se resta o nome.  
– Queimar o nome,  
se ainda soa.  
– As cinzas soam  
o corpo do homem.

– Não basta o tiro,  
se resta a língua.  
– Queimar a língua  
é terrorismo?  
– Não. Terrorismo  
é a poesia,

que diz não basta  
à própria língua.  
– Queimar a língua,  
todas palavras,  
pois sem palavras  
nos basta a cinza.

– Odiar política,  
amar polícia.  
– Amar o tiro,  
sem terrorismo.  
– Pra eles, bomba.  
Eles são contra.

## II.2

– A, depois bê,  
mas ninguém vê  
como prossegue.  
– Você é mestre,  
o doutorado  
dá mais trabalho.  
– Mas o alfabeto,  
se for completo,  
é muito chato



e autoritário.  
Ninguém o segue,  
nem o cedeéfe.  
– Mas é você  
quem vai deter  
a via do tê  
ao u, o acesso  
ao vê? – Correto!

V

(um fogo sangra:  
as faculdades  
sob a gestão  
da Segurança;

um fogo cala:  
nas faculdades  
nada a aprender  
salvo a gestão,

que torna o fogo,  
antes da chama,  
direto em cinza;

segura, a vida  
administrada  
aprende o frio)

– administrar  
o fogo, isto é,  
gerir a cinza.  
– tornar a cinza

a educação  
do próprio corpo.  
– tornar-se cinza  
ou respirar

o próprio sopro.  
– uma didática  
pela asfixia!

– nas faculdades  
nada a acender  
senão o frio.

(da rua à lei,  
em cada passo  
um sangue esfria  
numa cidade

que antes unira

e ora separa  
corpo e desejo,  
o fogo e a fala,

já corrigidos  
de terem sido  
uma cidade;

na lei, na rua,  
a cada passo  
o frio caminha)

– corrupto? mas  
segue o sistema;  
o que não pode  
é juiz de esquerda.

– corregedor  
no tribunal  
e professor  
quarenta horas,

deu liminar  
às faculdades.  
– os professores

vão aprender  
sob fogo a lei?  
– pois a lei sangra.

## VI

Este povo primitivo escrevia com pegadas. Para ler, seus membros tinham de olhar para o chão, incapazes de transcendência, impotentes para perceber quando as nuvens apagariam o discurso. Ademais, eram obrigados a caminhar para escrever e a escrever ao caminhar, errância celebrada do sentido, esses vagabundos não poderiam ir longe. Nas celas não há espaço para se movimentarem, não mais confundirão a palavra com o solo, é o fim da terra como alfabeto, não poderão comunicar uns aos outros a sentença escrita na tampa do alçapão.

Os antigos enólogos (pesquisavam etnias, o curso deles foi fechado depois que todas as bolsas foram direcionadas à pesquisa de água transgênica e de extração aérea de cinzas para combustível) recolheram uma história dos primitivos de que a fome originou-se de um erro de grafia, de uma trilha errada na floresta. Em vez de caminharem para o sol-peixe, foram para o sol-poente, e não acharam o caminho de volta por causa de um problema de pontuação, não lembro bem, acho que essa lenda surgiu porque, antes do contato com os civilizados, a língua deles não conhecia o ponto final.

## II.3



– A, depois a,  
sem blabablá!  
Sou Secretário  
e o meu trabalho  
na educação  
não é em vão:  
o fim das letras  
vem sem tristeza.  
Sabem ler? Não,  
nem notarão  
que o abecedário  
foi apagado.  
– Como avaliar  
o ano escolar  
se só resta o A?  
– A sobremesa!  
Ah! Ah! Ah! – Eta!

VII

Sob cassetetes.

Se amputarmos a perna,  
sobreviverá.

Deixemo-lo inteiro;

batizaremos a gangrena  
com o nome do corpo.

– In: *Cálcio*